

*Republicano*. Deflagrada a luta armada, Rossetti redigiria o órgão dos farroupilhas, *O Povo*, em cujas páginas se espelham as agruras da revolução, corrida do litoral e acolhida à campanha, passando de Porto Alegre a Piratini, onde surgira o jornal, e de Piratini a Caçapava.

Em setembro de 1842, surgiria, no Alegrete, *O Americano*, para substituir *O Povo*, que deixara de circular desde a ocupação de Caçapava pelos imperiais. Surgia da necessidade de combater “os escritores venais do Rio de Janeiro e seus satélites, que desfiguram os atos da nossa gloriosa revolução e propalam mil calúnias, dirigidas a aviltar nosso caráter e a deprimir nosso governo”. A doutrinação política exercida pelo novo órgão farroupilha era democrática: “a soberania reside nos povos, todo o poder legítimo dimana da vontade popular”, pregava. Quando Caxias apareceu, defendendo a solução conciliadora para pôr termo à longa campanha que devastava a província, *O Americano* respondia com sarcasmo: “Quem há por aí que reprove a moderação e a decência com que S. Ex. fala de si mesmo? Quem duvidará que o Senhor Supremo, por um dos seus incompreensíveis mistérios, o tenha elegido para satisfazer os ardentes desejos do Imperador e do Brasil? Rio-grandenses, rendei as armas; entregai vossos pulsos às cadeias. . . Ele foi mandado, qual outro Moisés, a libertar um povo querido do cativo e da tirania: sua missão é augusta e sagrada, seu poder, imenso e sobrenatural. . .” Sem a leitura de *O Povo*, que circulou de 1838 a 1840, de *O Mensageiro*, que circulou de 1835 a 1836, de *O Americano*, que circulou de 1842 a 1843, da *Estrela do Sul*, que circulou em 1843 e uns poucos mais, a história farroupilha é incompleta. Nessas folhas, impressas quase sempre sob condições extremamente difíceis, o movimento ficou espelhado, em todos os seus traços, os gerais e os particulares.

Mas, ainda antes que, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a luta entre conservadores e liberais da esquerda e da direita deflagrasse o movimento armado, em 1835, no outro extremo do país, na província do Pará, aquela mesma luta provocaria a insurreição que viria a ser conhecida como Cabanagem em que a imprensa teve também papel relevante. A arte tipográfica ali se desenvolvera com grande lentidão: depois de *O Paraense*, que iniciaria sua circulação em março de 1822, sob a direção de Fellipe Patroni e, depois, do cônego João Batista Gonçalves Campos, e, adiante, do cônego Silvestre Antunes Pereira da Barra para, finalmente, ser redigido por Antônio Ferreira Portugal, desaparecendo o jornal em fevereiro de 1823, após ter lançado 70 números — depois de *O Paraense*, surgiria, ainda em 1823, e da mesma oficina, *O Luso-Paraense*, redigido por José Ribeiro Guimarães e Luiz José Lazier, em tudo antípoda do anterior. Tal oficina comporia também *O Independente* em dezembro de 1823